

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM LITERATURA BRASILEIRA E HISTÓRIA NACIONAL
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO

FERNANDA ABADE

**A LITERATURA INFANTIL COMO PROCESSO EMANCIPATÓRIO NA
OBRA *ABRINDO CAMINHOS*, DE ANA MARIA MACHADO**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

CURITIBA

2013

FERNANDA ABADE

**A LITERATURA INFANTIL COMO PROCESSO EMANCIPATÓRIO NA
OBRA *ABRINDO CAMNHOS*, DE ANA MARIA MACHADO**

Monografia apresentada ao curso de Especialização em Literatura Brasileira e História Nacional, do Departamento Acadêmico de Comunicação e Expressão da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR, como requisito para obtenção do título de Especialista.

Orientadora: Profa. Dra. Alice Atsuko Matsuda.

CURITIBA

2013

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pois sem ele eu não teria forças para essa longa jornada.

Agradeço à minha orientadora pela paciência, dedicação e pela ajuda na conclusão deste trabalho.

Agradeço também aos professores do curso.

Ao meu esposo, Carlos Roberto Bozza, pelo apoio, incentivo e por acreditar em mim.

Aos meus pais, pelo entusiasmo, pelos gestos de carinho e por serem, acima de tudo, grandes amigos.

Aos amigos: da vida pessoal, do trabalho, da especialização, minha gratidão pela força, pelo apoio, pela compreensão.

A distância entre literatura e história pode ser superada se a história da literatura, em lugar de escrever outra história geral, contemplada no espelho das obras, revelar, no processo da evolução literária, aquela função verdadeiramente determinante para a sociedade, que, na emancipação do homem de seus laços naturais, religiosos e sociais, possui a literatura, juntamente com outras artes e outras forças sociais (JAUSS, Hans Robert).

RESUMO

ABADE, Fernanda. **A literatura infantil como processo emancipatório na obra *Abrindo Caminhos*, de Ana Maria Machado**. 2013. 34f. Monografia (Especialização em Literatura Brasileira e História Nacional) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, 2013.

A presente pesquisa tem por objetivo analisar a obra literária *Abrindo caminhos* (2004), da escritora Ana Maria Machado, verificando como a criança é representada. Especificamente, o foco da pesquisa será observar se obra apresenta-se sobre os moldes do discurso estético, não utilitário, ou pedagogizante. Do ponto de vista teórico, a obra *Abrindo Caminhos* aponta para uma nova concepção de literatura infantil, ou seja, tem a delicadeza de mostrar a importância de outras leituras clássicas que fazem parte de nossa história literária, tanto nacional quanto universal, por meio da intertextualidade. Com o nascimento da sociedade moderna entre os séculos XVI e XVII, surgiu o *status* da infância. Até então, as crianças eram vistas como “miniadultos”, sem distinção de sinais culturais. A literatura infantil presta-se para divulgar a ideologia dessa classe burguesa dominante. Desta forma, essa pedagogia didática continua perdurando até os dias de hoje. No Brasil, somente no século XX, na década de 70, ocorre o *boom* da literatura infantil e recebe o *status* de arte.

Palavras-chave: Literatura infantojuvenil. Utilitário às avessas. Discurso estético.

ABSTRACT

ABADE, Fernanda. **Children's literature as a process of emancipation in the work *Opening Paths*, from Ana Maria Machado** in 2013. 34 pages. Monograph (Specialization in Brazilian Literature and National History) - Graduate Program in Literature, Federal Technological University of Paraná, in 2013.

This research aims to analyze the literary work *Opening pathways (2004)*, from the writer Ana Maria Machado, checking how the child is represented. Specifically, the focus of this research is to observe if the work is presented on the non-utilitarian aesthetic speech patterns or pedagogical ones. From the theoretical point of view, the work points *Opening Paths* to a new conception of children's literature, in other words, it has the delicacy to show the importance of other classic readings that are part of our literary history, both national and universal, through intertextuality. With the birth of modern society between the sixteenth and seventeenth centuries, came the *status* of childhood. Until then, children were seen as "miniadults" without distinction of cultural signs. Children's literature lends itself to spread the ideology of that dominant bourgeois class. On this way, this didactic pedagogy is still lasting until the present day. In Brazil, only in the twentieth century, in the 70s, is the "boom" in children's literature and gets the status of art.

Keywords: Children's Literature, Utility in reverse, Aesthetic speech.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	07
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	11
2.1 A LITERATURA INFANTIL A PARTIR DOS ANOS 70 E 80	11
2.2 HISTÓRIA DA CRIANÇA.....	16
2.3 O UTILITÁRIO E O ESTÉTICO.....	18
3 ABRINDO CAMINHOS	21
3.1 ANA MARIA MACHADO E SUA ESCRITA SOBRE O NÃO UTILITÁRIO.....	21
3.2 <i>ABRINDO CAMINHOS</i> , DE ANA MARIA MACHADO.....	22
4 A LITERATURA INFANTIL: UMA ANÁLISE DE <i>ABRINDO CAMINHOS</i>.....	27
4.1 ABANDONO DA ARTE PEDAGOGIZANTE	25
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
REFERÊNCIAS.....	32

1 INTRODUÇÃO

Com a revalorização da leitura e da literatura infantojuvenil, a Lei de Diretrizes e Bases (reformulada em 1971, pela Lei nº 5692, Parecer nº 853) enfatiza a importância da leitura de textos literários como conteúdo importante no currículo escolar. É nesse período, entre os anos 60 a 80, segundo Lajolo e Zilberman (2003, p.124), que o Estado, junto a entidades envolvidas com a leitura, apoiou o lançamento de novos livros. Assim, houve a inclusão de “livros dirigidos à escola, de instrução e sugestões didáticas: fichas de leitura, questionários, roteiros de compreensão de texto marcam destino escolar de grande parte dos livros infanto-juvenis a partir de então lançados” (2003, p. 124).

Segundo Edmir Perrotti, é a partir dos anos 60, na Europa, que a concepção utilitária sofre abalos consideráveis, pois a literatura infantil deixa de ser moralizante e de caráter pedagogizante e passa a ser humanizante (não utilitário). Ainda afirma Escarpit *apud* Perrotti (1986, p. 28) que uma produção para crianças começa aparecer com critérios estéticos menos utilitários e é chamada de “utilitarismos às avessas”.

É dentro desse cenário que Ana Maria Machado surge com uma narrativa inovadora em termos literários e livra-se do “utilitarismo” ainda que às avessas, como cita Perrotti (1986, p. 131): “a) da criança criativa; b) de comportamentos divergentes; c) do questionamento das relações de poder existentes entre adultos e crianças; d) da mulher como ser ativo; e) do espírito indagador, crítico; f) da mudança nas relações sociais”.

Desta forma, a presente pesquisa objetiva analisar a obra *Abrindo Caminhos* (2004), de Ana Maria Machado, verificando como se dá a representação da criança na obra. Percebe-se que as características citadas acima fazem parte da obra em análise, pois o texto é uma mistura de poesia, prosa, música e literatura clássica e muitas metáforas vão surgindo ao longo da leitura, provocada pelas descobertas que a obra sugere. *Abrindo caminhos* (2004) convida o leitor para um passeio nos livros e nas bibliotecas, pois apresenta vários personagens da literatura brasileira e universal, sugerindo iniciar novas leituras. Sejam dos clássicos universais ou brasileiros, as personagens são vistas como crianças emancipadas, ou seja, com sentimentos, vontades e visões próprias em relação ao mundo.

A metodologia utilizada no presente estudo foi o comparativo, pois analisamos a narrativa sob o ponto de vista, se a criança está representada sob os moldes estéticos ou pedagógicos, visto que a relação entendida entre dois elementos: a literatura infantil, quando a criança do século XVIII era vista como “miniadulto”; e a emancipação dela na obra de Ana Maria Machado. Verificou-se como a criança é representada nas obras consideradas utilitárias às avessas e estética para analisar como ela é representada na obra *Abrindo Caminhos*, de Ana Maria Machado. A pesquisa é de cunho bibliográfico e seus objetivos fundamentam-se nas referências teóricas de autores que estudam sobre o assunto. Assim, foi analisado se a obra de Ana Maria Machado *Abrindo Caminhos* apresenta moldes estéticos ou pedagogizantes e como a criança está concebida na obra citada e no contexto histórico.

O embasamento teórico utilizado nesta pesquisa conta com autores como: Ítalo Calvino, Nelly Novaes Coelho, Marisa Lajolo, Edmir Perrotti, Philippe Aïres, Regina Zilberman, entre outros que contextualizam este estudo e serviram de ponto de partida para explicar a obra em destaque, *Abrindo Caminhos*, na perspectiva da literatura estética.

Entre os séculos XVI e XVII, houve o nascimento da sociedade moderna e com ela surgiu o *status* da infância. Até então, as crianças eram vistas como adultos, sem distinções de sinais culturais reconhecidos com roupas ou atividades especiais, por exemplo. A literatura infantil surgiu durante o século XVIII, época em que houve mudanças na estrutura da sociedade, com a ascensão da família burguesa. Por isso, de uma forma inquestionável e praticamente natural, estabeleceu-se um vínculo entre dominador e dominado, que reproduz o modelo capitalista de organização social.

A emergência dessa literatura associa-se, desde as origens, a uma função utilitário-pedagógica, já que as histórias eram elaboradas para serem moralizantes e pedagogizantes, com o objetivo de divulgar as ideias burguesas.

Com a “modernização” do país, que trouxe mudanças de perspectivas nas artes e nas sociedades, a literatura infanto-juvenil surge com novas expectativas e novos moldes estéticos, sendo reconhecidas por alguns teóricos, como Edmir Perrotti (1986), como utilitário às avessas e estéticas.

Cecília Meireles *apud* Perrotti (1986, p. 75) faz uma distinção entre “estético” e “utilitário”, que é muito importante ser abordado, pois, segundo ela, “o livro didático

tem adotado estilos e procurado temas que quase o transformam em livros de histórias maravilhosas”. As ilustrações são agregadas ao texto, assim formando de uma maneira inusitada uma ligação com o propósito de interagir com o leitor, uma vez que o cenário e os personagens ajudam a criança a memorizar a narrativa e fazer conexões com as personagens clássicas.

Portanto, é por meio desses preâmbulos que se realizou uma análise cuidadosa da obra *Abrindo Caminhos*, de Ana Maria Machado, para entender quais as características estéticas que foram apontadas ao longo da narrativa.

Esta pesquisa fundamentou-se nos pressupostos teóricos de como a criança está representada em uma obra utilitária, utilitárias às avessas e nas estéticas. Ao comparar com *Abrindo Caminhos*, de Ana Maria Machado, nota-se que as hipóteses contribuem com a ideia de que a obra foge dos moldes tradicionais de comparação entre imagem e texto, que se concentram nas semelhanças e simetrias.

Para o presente trabalho, o olhar dos traços estéticos artísticos é uma ruptura com o utilitarismo em que os autores buscaram ampliar seus desejos antes delimitados aos padrões estéticos e que recaíram sobre a produção de Ana Maria Machado. Isso mostra que a autora explorou os valores estéticos de escritores do passado como fonte de criação específica na obra *Abrindo Caminhos* (2004).

Autora de literatura, sem adjetivos que delimitem o público e leitores que suas obras se destinam. Machado recebeu o prêmio Hans Christian Andersen, considerado o prêmio Nobel de Literatura Infantil mundial, em 2000, e é a atual presidente da Academia Brasileira de Letras e sua vasta produção literária é reconhecida nacional e internacionalmente.

Quanto à escolha do livro de Ana Maria Machado, que estudaremos neste trabalho, pode-se dizer que muitos poderiam ser os títulos, mas se fez uma seleção de algumas temáticas e características e as mais significativas foram encontradas em *Abrindo Caminhos* (2004), obra que pode ser considerada como literatura infanto-juvenil utilitária às avessas.

O trabalho terá os seguintes elementos textuais que fazem parte da análise dos assuntos que são relevantes para esta pesquisa: a fundamentação teórica dividida em: a literatura infantil dos anos 70 e 80; história da criança; o utilitário e o não utilitário; a expansão do discurso utilitário. A análise da obra, distribuída nos capítulos: Ana Maria Machado e sua escrita sobre o utilitário; *Abrindo Caminhos*, de Ana Maria Machado; o abandono da arte pedagogizante e as considerações finais.

Portanto, o presente estudo propõe apresentar a literatura infantil em estado que “atinge o estatuto de arte literária e se distancia de sua origem comprometida com a pedagogia, quando apresenta textos de valor artísticos” (ZILBERMAN, 2003, p.23). Assim, podemos observar a relação da obra e do leitor e ainda o seu relacionamento com a visão do mundo, por meio da linguagem simbólica apresentada em *Abrindo Caminhos*.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A LITERATURA INFANTIL A PARTIR DOS ANOS 70 E 80

Foi no século anterior, em meados dos anos 70, que a literatura infantil ganhou forças e repercutiu com uma produção literária explosiva e fez com que as livrarias organizassem sua função em relação ao público infantil.

Foi nesse período que houve a inclusão de

livros dirigidos à escola, de instruções e sugestões didáticas: fichas de leitura, questionários, roteiros de compreensão de texto marcam o destino escolar de grande parte dos livros infanto-juvenis a partir de então lançados, quando também se tornam comuns as visitas de autores a escolas, onde discutem sua obra com os alunos (LAJOLO; ZILBERMAN, 2003, p 124).

Processo condizente com o sistema capitalista que o Brasil estava vivendo, tanto na política como na economia e, até mesmo, socialmente. A literatura infantil iniciou o homem moderno no mundo literário, a escrita foi utilizada como instrumento de sensibilização da consciência para a expansão da capacidade e interesse de analisar o mundo. Sendo fundamental mostrar que a literatura infantil deveria ser encarada sempre de modo global e complexo em sua ambiguidade e pluralidade.

Não podemos deixar de citar que o Brasil estava em um período de nivelamento internacional capitalista. Assim, tentou diminuir as desigualdades sociais, que nunca deixaram de existir. Foi nos anos 70 que o país adquiriu dívidas enormes com obras gigantescas como a Transamazônia e a Itaipu, que, infelizmente, não resolveram os problemas de base. Criou-se ainda mais o empobrecimento da classe média, com o baixo salário, falta de investimento nas indústrias, tudo para acabar com a dívida externa.

Diante de todos esses obstáculos sociais e políticos, a literatura infantil encontrou espaço, gradativamente, atrelada às intenções de reformas educacionais em curso, ou seja, no período dos anos 50 a 60, o marasmo pedagógico apareceu como uma preparação territorial para o *boom* dos anos 70.

Entre muitos que conhecemos, surgem nomes consagrados que usaram sua criatividade e consciência social para fins literários inovadores: anos 70 – Ana Maria Machado, André Carvalho, Bartolomeu Campos Queirós, Domingos Pellegrini, Elias José, Fernanda Lopes de Almeida, Ignácio Loyola Brandão, Lygia Bojunga Nunes, Ruth Rocha, Sérgio Caparelli, Chico Buarque, entre outros. Nos anos 80: Assis Brasil, Eva Furnari, Léa Correa Pinto, Marina Colassanti, Paula Saldanha, Sylvia Orthoff, Ricardo Azevedo, entre outros. A maioria desses escritores continuou sua trajetória nas décadas seguintes, entregaram-se aos desafios da fantasia, da imaginação, do sonho e dos altos ideais.

Os livros em série de ficção científica, como mistério policial, eram os gêneros que circulavam no país. Podemos observar algumas características importantes para a época: distanciamento do recorte didático e pedagógico, rompimento com o mundo fantástico tradicional, ou seja, a utilização de personagens tradicionais, tais como reis, fadas, rainhas e princesas serviram, para alguns autores, para a desmistificação – ou quebra do maniqueísmo tradicional dessas figuras. Pode-se exemplificar por meio de escritores como Marina Colassanti (*Uma ideia toda Azul* – 1979); Fernanda Lopes de Almeida (*A fada que tinha ideias e Soprinho*); Eliane Ganem (*A fada desencantada*); Ana Maria Machado (*História meio ao contrário* – 1979) e Bartolomeu Campos Queirós (*Onde tem bruxa tem fada*).

Segundo Lajolo e Zilbermam (2003, p. 172), há ênfase no aspecto gráfico, com efeito. A “ilustração não é mais vista como subsidiária do texto, e sim como elemento autônomo, praticamente auto suficiente”.

Quanto aos temas, eram abordados assuntos considerados tabus, tais como: poluição da natureza, devido à urbanização desenfreada; separação dos pais; extermínio de índios; amadurecimento sexual; preconceito racial; marginalização dos velhos; uso de drogas; tendências homossexuais.

Outra característica encontrada nos livros dessa época é o fato de ser mais contestadora, pois envereda pela temática urbana representada pela burguesia enriquecida pela modernização, focalizada no Brasil atual, e seus impasses e crises. Assim, as obras tematizavam a pobreza, a miséria, a injustiça, a marginalização, o autoritarismo, o preconceito. Os livros eram, por isso, mais amargos, os finais nem sempre eram felizes.

Os livros passaram a mostrar o sofrimento infantil, como a carência efetiva; personagens menores na rua; pobres; índios; crianças órfãs ou não; em histórias policiais, grupos de crianças que são detetives contra criminosos adultos.

Além disso, o texto infantil incorporou, enquanto discurso literário, a metalinguagem e a intertextualidade. Observemos o quadro abaixo:

Obra/autor	Metalinguagem	Intertextualidade
Ruth Rocha: <i>Marcelo, marmelo, martelo</i> (1976)	Tematiza a arbitrariedade do signo linguístico.	
Ruth Rocha: <i>O reizinho Mandão</i> (1978)	Cala a boca já morreu. Quem manda na minha boca sou eu (ritmada, rimada, ato da fala, linguagem como forma de ação).	
Chico Buarque: <i>Chapeuzinho amarelo</i> (1979)	Supera os medos por meio de um jogo com as palavras, a personagem é quem manda nas palavras, não é submissa a elas.	Chapeuzinho Vermelho.
Ana Maria Machado: <i>História meio contrário</i> (1979)	Começa pelo término.	Contos de fadas.

Fonte: Lajolo e Zilberman (2003, p 155).

Verifica-se na linguagem dos textos infantis a incorporação da oralidade, da gíria de rua, falares regionais, dialetos sociais. Esse fato é coerente com o objetivo de levar para as histórias infantis o universo heterogêneo de crianças marginalizadas, de pobres, de índios. Assim, são introduzidos personagens menos exemplares em relação aos valores dominantes/tradicionais.

Houve problemas em relação à linguagem, tais como: o uso anacrônico e descontextualizado de gíria; superposição não significativa de diferentes registros linguísticos e também a presença do narrador na ação era constante, ou seja, havia repetição do diálogo entre narrador e leitor.

Outros problemas surgiram em decorrência da produção em massa dos livros, pois foram produzidos muitos textos de baixa qualidade e repetitivos. Houve incoerências relativas a personagens crianças que podiam resolver casos complexos até para detetives profissionais.

Inegavelmente, a literatura infantil da década de 70 rompeu com as tradições, com o maniqueísmo, com o cunho didático e pedagógico, e deu voz às crianças e firmou-se como arte. E foi Lobato quem conseguiu trazer para o universo

da literatura infantil a discussão de temas atuais, antes pertencentes somente aos adultos.

É nesse período que notamos os primeiros passos dos escritores para romper com o pedagogismo, embora estivessem vivendo grandes transformações, como a escolarização e a intensificação dos cursos técnicos e a grande mobilização da produção cultural para atender à demanda de leitores e da sobrevivência da indústria e dos produtos culturais. Na década de 70, a literatura infantil inovou no sentido de se mostrar emancipada e libertária.

Maria da Glória Bordini *apud* Elizabeth D'Angelo Serra já comentava os grandes avanços culturais:

Foi especialmente no cenário contraditório dos anos 70 que a indústria editorial expandiu-se, confiante nos ganhos com a inflação da moeda e com o surgimento de um público cativo, o único efetivamente forçado a comprar, o das escolas, (sic.) que se multiplicaram em massa pelo país, oferecendo, evidentemente, uma educação também massificada e alienante (BORDINI *apud* D'ANGELO, 1998, p. 35).

Com a demanda da produção de livros e a leitura em crescimento devido à atualização e/ou formação profissional, os livros de entretenimento, ou seja, a literatura trivial ficou restrita às classes populares, pois os livros das escolas e das bibliotecas ficaram guardados e foram utilizados raramente, conforme D' Angelo Serra (1998, p. 37), cita "Publica-se mais nas áreas da moda internacional: biografia, viagens, auto-ajuda; assim como nas áreas de retorno seguro: clássicos literários brasileiros em edições escolares, autores já consagrados."

Inesperadamente, como afirma Bordini *apud* D'Angelo Serra (1998, p. 38), é "tanto paradoxalmente, o lugar em que muitas mentes progressistas puderam exercer um trabalho de caráter humanístico e emancipatório mais claro num país sob regime de força". Nota-se a evolução da criança, ou melhor, a emancipação da criança: a escrita dos conteúdos infantis opõe-se ao regime militar e ao autoritarismo ideológico conservador. Escritores começaram a plantar as primeiras sementes da liberdade, introduzindo uma literatura de fantasia, por meio da qual as crianças pudessem pensar e conscientizar, humanizando-se sobre a condição social em que viviam.

As transformações ocorridas nos anos 80 perduram até os dias de hoje. Bordini *apud* D'Angelo Serra (1998, p. 40) salienta que "suas motivações incidiram

mais no plano ideológico, em que conservadores e progressistas viam o papel da arte literária– pragmaticamente – ou como civilizatório ou como emancipatório, do que no plano estético”.

Por consequência, a literatura infantil adquiriu autonomia, pois conseguiu *status* até então impossíveis, devido ao militarismo. Obteve prestígio na renovação de seu estilo e conteúdos, com isso, atraiu jovens e adolescentes a admirar aspectos reais da sociedade que antes eram privados.

É nesse ritmo de novas tendências que Ana Maria Machado, com *Bisa Bia, Bisa Bel* (1982), mostrou a relação infância-velhice, “sem a tentação do sentimentalismo ou do realismo de exterioridades”, (1998, p. 42). Outros escritores como: Lygia Bojunga Nunes, que escreveu *Tchau* (1985); *O Curumim que virou gigante* (1980), de Joel Rufino dos Santos; *Pinote o fracote* e *Janjão o fortão* (1980), de Fernanda Lopes de Almeida; *As muitas mães de Ariel* (1980), de Mirna Pinsky, e tantos outros escritores que mostraram que há soluções alcançáveis para os problemas sociais do mundo infantil.

A poesia também ganhou força, pois até a década de 60, a poesia infantil guardava resquícios parnasianos e forte compromisso com a pedagogia. Entretanto, após esse período, desvencilhou-se do recorte didático e pedagógico e rompeu com o universo ideológico pelo qual se movia Bilac, o que causou uma reviravolta formal.

O ponto de encontro entre o poeta e a criança na poesia infantil contemporânea é a tematização do cotidiano infantil, a adoção, por parte do autor, de um ponto de vista que compartilha com seus leitores, ou seja, a anticonvencionalidade (seja na linguagem ou no recorte da realidade).

O texto poético para a criança, segundo Zilbermam e Lajolo (2003, p. 149), mostrou-se instigante, pois “falava de crianças, fazia-se aliado delas, dava-lhes a palavra, sublinhava sua fragilidade perante as normas do mundo, salientava sua capacidade de rebeldia, criação e independência”.

Características formais do poema para crianças também são observadas com mais firmeza, pois há recuperação fragmentária do repertório poético infantil tradicional, aliterações (repetição da mesma consoante), onomatopeias frequentes, rimas internas, olhar *naïve* e presença constante de animais.

A poesia juvenil, principalmente, na obra de Cecília Meireles, não renunciava a profundidade. No projeto de incorporação do cotidiano infantil, ganharam espaço e relevo a recuperação de modinhas infantis, canções de ninar, brincadeiras de roda.

Portanto, é nos anos 80 que os autores quebraram a barreira do medo sobre o gênero polêmico quanto à literatura infantil e juvenil e começaram opinar e posicionar-se, refletir, concordar e discordar para dar lugar à criatividade e ao começo de construções de novos ideais.

Vale ressaltar que, nos anos 80, muitos autores passaram a escrever artigos, resenhas, comentários sobre as obras e influências que elas tentavam, causando, neste período, como: Edmir Perroti, Fanny Abramovich, Laura Sandroni, Tatiana Belinsky, Marisa Lajolo entre outros.

Dessa forma, procuramos mostrar um breve panorama da literatura infantil e juvenil nos anos 70 e 80, sua produção editorial, as propostas dinâmicas e a consolidação do gênero. Não abordamos todos os nomes e obras, apenas demonstramos por meio de um apanhado geral da literatura infantil instalada no Brasil.

2.2 HISTÓRIA DA CRIANÇA

Philippe Ariès, em sua obra *História social da criança e da família* (1978), mostra a história da criança – da Idade Média aos tempos modernos, o surgimento do sentimento da infância. A criança era vista pela sociedade medieval como um indivíduo que não precisava de carinho, de cuidados. Na Idade Média, o “sentimento de infância” não existia. Quando a criança não necessitava dos cuidados da mãe ou da ama, ela já era vista como adulta, isto é, passava a conviver com adultos na sociedade (reuniões, festas).

As crianças executavam as mesmas tarefas que os adultos e eram vestidas como eles, assim, observa-se em muitas obras de pintores da época que não havia distinção entre criança e o adulto. Era como se a criança não existisse. Não havia um tratamento especial para ela, o que tornava sua sobrevivência quase impossível. Nesta época, as taxas de mortalidade eram enormes e descontroladas, passavam despercebidas pelas autoridades. A morte de crianças era encarada com naturalidade. Montaigne, filósofo respeitado na Idade Média, em um de seus ensaios (Ensaio II, p. 8), comenta que “perdi dois filhos pequenos, não sem tristeza, mas

em desespero”. Assim, a criança superava esse período de alto nível de mortalidade, pois era confundida com os adultos.

Quando completavam sete anos, independente da classe social, a criança era enviada à casa de estranhos para aprender atividades domésticas. Esses trabalhos eram considerados degradantes, visto que eram feitos por crianças ricas e pobres.

Mas, um novo sentimento surgiu em relação à infância, a “paparicação”, no qual Montaigne (Ensaio II, p. 8) mais uma vez mostra seu repúdio à criança,

não posso conceber essa paixão que faz com que as pessoas beijem as crianças recém-nascidas, que não têm ainda nem movimento na alma, nem forma reconhecível no corpo pela qual se possam tornar amáveis, e nunca permiti de boa vontade que elas fossem alimentadas na minha frente.

O filósofo não admitia a ideia de uma criança ser amada e adquirir seu espaço no meio familiar, pois ocupavam muito o tempo das pessoas que viviam ao redor delas.

Uma vez que o sentimento de “paparicação” surge no meio familiar e que havia prazer em tê-las consigo, a criança torna-se uma fonte de distração e de relaxamento para os adultos. Assim, outro sentimento surge também, a “exasperação”. Eclesiásticos e moralistas do século XVII deram-se conta que a criança necessitava de atenção especial, viam nelas criaturas criadas por Deus e que era preciso educar e preservar a relação familiar que começara a existir.

Já no século XVII, a junção dos sentimentos de paparicação e a exasperação gerou novo e preocupante cuidado com a saúde física e higiene dos pequenos. Segundo Airès (1978, p. 164),

tudo o que se referia às crianças e à família tornava-se um assunto sério e digno de atenção. Não apenas o futuro da criança, mas também sua simples presença e existência e algumas de preocupação – a criança havia assumido um lugar central dentro da família.

Não era mais aceitável que as crianças se misturassem com os adultos. Assim, o sentimento de família e de infância que não existia passa a ter importância e chamar a atenção da sociedade. Essa preocupação fez com que as escolas multiplicassem, com a finalidade de aproximá-las das famílias, impedindo, desse modo, o afastamento de pais e de crianças.

A afetividade no século XVIII fez com que muitos especialistas produzissem ornamentos e produtos específicos para crianças, tais como roupas, brinquedos, e atividades que levassem o reconhecimento da infância. Mecanismos de distinção foram criados para crianças e adultos.

Assim, a noção de criança bem-educada e aculturada nos séculos XVIII e XIX fez com que as escolas especializassem tanto na qualidade de ensino quanto na qualificação dos professores para esta nova tarefa de ensinar as crianças para um mundo moderno e aberto às novas tecnologias.

Percebemos, então, que a escola surgiu com mais força com os moralistas, verdadeiros inovadores e organizadores dos colégios, cujo objetivo principal não era a educação da infância, mas sim atender à demanda das indústrias e formar técnicos.

Por isso, de acordo com Zilberman (1998, p. 22), era difícil “preservar as relações entre a literatura e a escola, ou o uso do “livro” em sala de aula, visto que decorre do fato de que ambas compartilham aspecto comum: sua natureza formativa”. Tanto as obras que circulavam neste período ou nas instituições de ensino ou na sociedade, todas as atenções estavam unicamente voltadas à formação do indivíduo para atender às necessidades da sociedade industrial.

Em suma, a criança passou a ter importância. Depois de várias necessidades vistas na sociedade, sua emancipação obteve sucesso e credibilidade. Como resultado, a literatura infanto-juvenil cresceu e os escritores aproveitaram esse momento de abertura intelectual e passaram a escrever para esse público, atendendo à demanda de jovens leitores libertos e vistos pela sociedade capitalista.

2.3 O UTILITÁRIO E O ESTÉTICO

É nos anos 80 que muitos autores começaram a refletir sobre a importância da literatura infantil e juvenil, designando caminhos e novas tendências que viriam para esboçar novas diretrizes.

Assim, novos estudos se desenrolaram como as análises de textos, críticas sobre produções e novos arcabouços teóricos foram sendo tecidos sobre a literatura

infantil e juvenil. Vale ressaltar que após 20 anos de regime militar, muitos autores começaram a opinar e exercitar reflexões sobre os assuntos tratados em seus livros.

Entre os teóricos que refletiam sobre o assunto, temos o professor Edmir Perrotti, que mostra a diferença entre o texto utilitário e estético. Perrotti menciona que a literatura no século XVIII “constitui-se prioritariamente em veículo de propaganda das ideias das classes burguesas” (1986, p 28).

Em franca ascensão na Europa, a burguesia aproveitou suas ideias para apelar no seu modo de comunicação junto à criança, alimentando-os com seu discurso objetivo e utilitário.

Sabe-se que o texto utilitário apresenta objetivos pedagógicos, de ensinamento, útil aos propósitos sociais e de sala de aula. Dessa forma, ensinava com textos literários pedagogizantes, ou seja, se o pai e a mãe quisessem que seu filho (a) não saísse de casa, contavam-lhes histórias com personagens que saíram de casa sem a ordem de seus pais e se perderam e não retornavam para casa.

Esse tipo de discurso utilitário expandiu-se no Brasil no Período Colonial, quando a Corte Portuguesa trazia livros da Europa traduzidos ou adaptados, pois esse modelo de literatura era comum por lá.

Inesperadamente, o Brasil se tornou um país propício para a veiculação de textos morais e proveitosos no que diz respeito à literatura infanto-juvenil. Perrotti (1986, p. 60) afirma que “a herança colonial traduzia-se por um atraso generalizado em todos os níveis”. O país passava por um período de pobreza intelectual e moral, por isso, os indivíduos brasileiros esforçaram-se para constituir uma literatura nacional, que tinha como objetivo constituir o intelecto da criança e do jovem em uma proporção que garantia o futuro do país.

Vários teóricos apontam Monteiro Lobato como o grande precursor da literatura voltada para o público infanto-juvenil, pois em suas obras, segundo Perrotti (1986, p.64), “destacam-se elementos de construção que conduzem à superação do pragmatismo, resultando o todo em momentos de gratuidade para o leitor”. Porém, Lobato encontrou dificuldades para desvincular a literatura “escolar” da literatura estética, pois a literatura “escolar”, vigente neste período, servia-se dos moldes utilitários para atender às finalidades dos ideais burgueses.

Perrotti (1986, p. 61) *apud* Coelho mostrou, em um estudo comparativo do texto de 1921 e 1932 chamado– *A menina do narizinho arrebitado*, “a intenção de um texto que” vai-se transformando com o tempo e os ensinamentos passam a fazer

parte da própria trama familiar. Lobato tenta deixar o discurso pedagógico utilitário, pretendendo formar um público livre, capaz de produzir condições de sobrevivência em um país subdesenvolvido.

Por conseguinte, novas concepções literárias começam a surgir no Brasil e a estabelecer a crise do utilitarismo. Com a explosão lobateano, vários autores, como Fernando de Azevedo, Lourenço Fulho, Rúcia Miguel Pereira e Cecília Meirelles, começaram a emergir e mostrar um nova tendência literária estética.

O texto estético tem cunho artístico, surpreendentemente o autor

apropria-se do imaginário através incontestável, de conteúdo imaginativo no tratar de questões pertinentes ao universo da infância ou da adolescência . São textos que respeitam a infância e a adolescência como fases de transformação, onde esses seres possam se sentir aptos a modificar uma realidade dada e a atingir uma nova realidade conquistada (SERRA, 1998, p. 52).

Percebe-se que os críticos, em qualquer perspectiva adotada (sociológica, política, pedagógica, estética), citam o discurso utilitário como contrário às vigências requeridas pela literatura, pois a literatura era, antes de tudo, a expressão da arte.

Todavia, a literatura estética diferencia-se da utilitária sob o ponto de vista moral prático e de ensinamento útil; já a estética apresenta-se ao leitor com novos horizontes, sem formalismo de aprendizagem, simplesmente se expressa pelo prazer de passear com a arte. Principalmente, se não considerarmos, conforme Perrotti:

[...] não reduzir a literatura para crianças e jovens ao discurso “didático”, principalmente” se considerarmos que muitas crianças, ainda hoje, tem na infância o melhor tempo disponível da sua vida, que talvez nunca mais possam ter a liberdade de uma literatura desinteressada (PERROTTI, 1986, p. 76).

Como resultado, a invenção da estética é condição exigida pela literatura, uma vez que tais concepções abrem caminhos para novas tendências discursivas na literatura brasileira para crianças e jovens. Observamos que cinquenta anos depois de Lobato, Ana Maria Machado mostrou em seu livro, com título sugestivo dessa nova concepção, *Abrindo Caminhos*, o exemplo dessa negação ao utilitarismo.

3 ABRINDO CAMINHOS

3.1 ANA MARIA MACHADO E SUA ESCRITA SOBRE O NÃO UTILITÁRIO

O texto literário utilitário sempre tentou oferecer às crianças e aos jovens um discurso moral, com padrões de condutas a serem seguidos, com ordens burguesas. Assim, o discurso utilitário uniu-se às expectativas de Von Martin *apud* Perrotti (1986, p. 117): “ordenação metódica” da burguesia e de suas tradições pedagogizantes.

Ana Maria Machado mostra, no livro *Abrindo Caminhos*, o contrário da obra *Raul da ferrugem azul*, em que a autora empenhou-se em livrar em sua obra o utilitarismo. Assim, ainda que às avessas, Machado cuidou para que o discurso do texto não fosse de cunho pedagogizante, utilizando o humor para amenizar essa concepção predominante antes de Lobato.

Perrotti defende a autora no sentido de mostrar uma obra com discurso de “utilitário às avessas” sendo libertada dos padrões vigentes nos anos 70. Em outras palavras, *Raul de ferrugem azul* pretende ensinar crianças tímidas a se defenderem. Todavia, como se trata de literatura e não de pedagogia, o ensinamento não deve aparecer no texto de forma explícita demais” (PERROTTI, 1986, p. 125).

Ana Maria Machado utiliza o recurso de manipulação dos registros (narrativa/discurso), cria no leitor a ilusão de estar sendo ensinado, pois a fala das personagens é a da própria autora.

Já em *Abrindo Caminhos*, Ana Maria Machado apresenta, de forma lúdica e concisa, uma personagem que vence os obstáculos impostos pela sociedade e vence os dogmas, mostrando a evolução contínua da vida.

Podemos perceber que a obra *Raul da ferrugem azul* fica no meio do caminho entre o utilitarismo e a arte (novo), impasse que foi superado em *História meio ao contrário* e em *Bisa Bia, Bisa Bel*, as duas obras são exemplos marcante de concepção estética.

Texto livre do ensinamento pedagogizante e dos valores dogmatizados, Ana Maria Machado, inquestionavelmente, dá importância à criatividade e leva o leitor a

conhecer a arte por meio da intertextualidade da personagem que rompeu seus caminhos e que deixou as portas abertas para o infinito.

A autora estabelece uma literatura informativa de fatos científicos comprovados, ou seja, de situações vivenciadas pelas personagens e superadas na medida em que vão desbravando seus ambientes nos quais vivem e, por conseguinte, descobrindo novos horizontes. Articula-se no texto de Ana Maria Machado uma tendência estética que nega o utilitarismo pedagogizante, pois a realidade literária transcende os interesses capitalistas burgueses.

Além disso, *Abrindo Caminhos* confere à criança um lugar central, pois as personagens rompem barreiras impostas pelos padrões burgueses, porém respeitam seu mundo e fornecem ambientes que visam integrá-las em um contexto cultural e humanizado.

Conforme Ziberman,

A literatura infantil exhibe uma fisionomia completamente diferente na atualidade, porque não se submete aos paradigmas representados pelos escritores que dominavam a cena literária no começo dos anos 70 e que vieram a constituir as primeiras opções dos professores e estudantes (ZIBERMAN, 2005, p. 51).

Com propósito de inovar, Ana Maria Machado sinaliza nesta obra uma literatura estética, não apenas se insubordinando contra o sistema vigente nos anos 60. A obra *Abrindo Caminhos* revela igualmente um novo processo de utilitarismo às avessas, na qual a autora mostra o melhor da literatura com personagens que marcaram a história nacional e universal. Essas personagens (Dante Alighieri, Carlos Drummond de Andrade, Tom Jobim, Cristóvão Colombo, Marco Polo e Santos Dumont) traçaram um novo caminho, que abriu à frente aventuras inovadoras e com muitos desafios possíveis de serem ultrapassados.

3.2 ABRINDO CAMINHOS, DE ANA MARIA MACHADO

O livro *Abrindo Caminhos* mostra personagens com uma chave mágica que abre todas as portas do universo. A história apresenta como gênero ficção, pois são

apresentadas personagens de grandes obras. Além disso, é uma obra que mostra a tolerância, respeito e solidariedade, com um alto nível literário e estético.

O que para muitos pode ser o fim “Uma pedra no caminho”, Ana Maria Machado genialmente começa a narrativa às avessas como as tradicionais histórias infantis, com “Era uma vez”, cita os versos do poema *Tinha uma pedra no caminho*, de Carlos Drummond de Andrade, que utiliza a fala popular, esquivando-se da gramática padrão.

Mais do que personagens, os homens citados são exemplo de superação, coragem e que tiveram criatividade para abrir caminhos, tanto geográfica como artisticamente. A obra é dividida em duas partes e fabulosamente a autora apresenta no primeiro “ato” três personagens de ambientes literários. Já no segundo momento, Ana Maria Machado resgata a obra *A Divina Comédia* e coloca Dante Alighieri enfrentando uma selva escura para alcançar o paraíso, uma pedra no meio do caminho de Drummond e um rio atrapalhando sua passagem. Porém, nenhum desses empecilhos da “natureza” foram capazes de parar esses gênios.

Esses gênios não desistiram e “Cada um no seu canto/com seu canto/nos chamou. E nenhum de nós/nunca mais, ficou sozinho” (MACHADO, 2010, p. 13).

E cada um com sua genialidade consegue encontrar e ultrapassar todas as barreiras.

No meio do caminho de Dante teve uma estrada.
No meio do caminho de Carlos teve um túnel.
No meio do caminho de Tom teve uma ponte (MACHADO, 2005, p 15).

A autora também relembra a criatividade dos inventores e desbravadores que, por terra, céu e mar, criaram novos caminhos e rotas pelo mundo. Ela registra as aventuras de Marco Polo, um desbravador que encontrou o Oriente, um importante explorador da Idade Média. Já Cristóvão Colombo se lança para os mares do Ocidente, enquanto Santos Dummont diminuiu as distâncias com a criação do 14 bis.

A partir dos versos de *Águas de Março*, de Antônio Jobim (a quem o livro é dedicado), ela reúne personagens que, cada qual no seu canto e na sua época, superam obstáculos e revolucionaram paradigmas. Além de Tom e Carlos – como são chamados no livro – a autora homenageia Santos Drummond, Dante Alighieri, Marco Polo e Cristóvão Colombo.

No início da obra, observa-se uma selva escura, Dante é atacado por três feras, uma onça, um leão e uma obra, símbolos dos pecados que mais afligem o homem: a avareza, a sensualidade e a soberba. Poeta nascido na Itália e personagem que foi influente em missões diplomáticas escreveu sonetos amorosos, celebrando sua paixão mística por Beatriz, a quem também dedicou sua obra magna. A Divina Comédia, um externo épico que revela sua ascese, expiração e encontro com Deus.

A selva quase impenetrável simboliza o inconsciente do homem, assim, Dante é obrigado a encontrar novos caminhos e tornar-se independente. Nessa peregrinação, Dante, acompanhado de Virgílio, leva-o ao inferno, purgatório e consegue chegar ao céu no final de sua jornada.

Ana Maria Machado selecionou uma frase núcleo “No meio do caminho tinha uma pedra”, que representa os impasses na vida cotidiana de todos nós, isto é, as pedras são representadas como pontes para a personagem e utiliza como objetos unidos para passar e trilhar seu caminho. Coelho (2000, p. 50), lembra que obstáculo exerce no poeta “o poder de fecundação e de proporção de ideias, padrões ou valores inerentes ao fenômeno literário e através dos tempos tem servido a humanidade engajada no infundável processo de evolução que a faz avançar sempre e sempre”.

A pedra que surge no meio do Caminho de Drummond não o impediu de alcançar seus objetivos e nem de abrir novos caminhos na literatura brasileira. Alberto Santos Dumont tinha 33 anos quando fez seu primeiro avião decolar. Voar foi o maior sonho do homem, principalmente de Dumont, que deu à humanidade uma grande contribuição. Sua maior invenção uniu as pessoas, encurtou as distâncias e promoveu o desenvolvimento econômico dos países.

Foi incentivado por seu pai, que foi o maior produtor de café do século XVIII, no Brasil. Dumont recebeu a sua parte da herança e seguiu para Paris, onde construiu várias aeronaves, mais de vinte e sofreu vários acidentes gravíssimos. Porém, nunca desistiu do sonho de voar. Em 1906, seu feito foi notificado para o mundo e Dumont virou o Pai da Aviação com seu 14 Bis.

Não podemos deixar de citar que a narrativa ganha vida nas ilustrações de Elisabeth Teixeira. As cores das páginas de *Abrindo Caminhos* são chamativas, começando pela capa vermelha.

As imagens são como quadros, com amplas paisagens, personagens redondos são colocados em um ambiente repleto de referências. As imagens completam as páginas de *Abrindo Caminhos* e sustentam a ideia em ter curiosidade pela vida. A obra é finalizada com imagens dos grandes desbravadores, mostrando suas invenções que fazem parte de nosso cotidiano.

A escrita renovadora e estética de Ana Maria Machado mostra a realidade de homens comuns, cujas inovações deram novos rumos à humanidade, porém, com muito esforço para superar suas limitações. O texto não exclui a fantasia e tampouco não consegue afastar a imaginação do leitor em querer descobrir mais sobre as personagens citadas.

Abrindo Caminhos oferece ao leitor outras possibilidades de leitura, pois é um texto intertextual, conforme Ítalo Calvino (2007, p. 12), “Um clássico é obra que provoca incessantemente uma nuvem de discursos críticos sobre si, mas continuamente a repele para longe”. Ele reforça que o “clássico nos ensina algo que não sabíamos”, ou seja, mostra novas possibilidades de leitura sobre a vida. Assim, essas novas descobertas presenteiam o leitor com novas descobertas, com relação de pertinência.

Ana Maria Machado concorda com Nely Novaes Coelho (2000) quando declara que a literatura é o grande eixo para a formação da visão de mundo. Realistas e estéticos, essas novas formas de representação ofertam à criança e ao jovem uma experiência de pensar sobre as expectativas de vida, da possibilidade em pensar mudanças inovadoras para a sociedade.

Segundo Zilberman e Magalhães:

Formação e informação não são, portanto, dissociáveis, a segunda, geralmente, está a serviço da primeira, a informação científica não é valorizada em si, esse é um conhecimento que serve a interesses práticos e ideológicos (ZILBERMAN; MAGALHÃES, 1982, p. 54).

As autoras já afirmavam que a informação servia a interesses ideológicos, ou seja, pedagógicos, mas, em *Abrindo Caminhos*, as informações contidas levam o leitor (criança e jovem) a buscar conteúdos de história, ciências, geografia de uma forma lúdica, sem deixar a arte de lado. A leitura deste livro tem caráter de exame crítico, ou seja, as informações recebidas pelo leitor podem ser questionadas e as levam a ter novas experiências e a compor personagens com narrativas novas.

Em controle com a realidade vivida no século XVIII, onde a criança “[...] se vê privada ainda de um interior para a experimentação do mundo, ela necessitará de um suporte fora de si que lhe sirva de auxiliar” (ZILBERMAM; MAGALHAES, 1982, p. 13).

Abrindo Caminhos é uma literatura estética, pois mostra ao leitor a possível possibilidade de conquistar o real e, de maneira lúdica, compreender o fictício por meio do saber artístico.

4 A LITERATURA INFANTIL: UMA ANÁLISE DE *ABRINDO CAMINHOS*

4.1 ABANDONO DA ARTE PEDAGOGIZANTE

Olhar para os livros infanto-juvenis não é tão fácil. Com tantos produtos destinados a este público, a literatura infantil mostra a sua modernidade em um espaço de fantasia e sonho. Porém, não podemos nos esquecer de que a criança ganhou *status* diferenciado ao longo dos anos.

Abrindo Caminhos (2004) é um texto de Ana Maria Machado, ilustrado por Elisabeth Teixeira, que adequa o gênero poético, pois agrega prosa e poesia de forma simultânea. O texto foi construído com múltiplas referências de autores da literatura clássica e da literatura brasileira, como a poesia de Carlos Drummond de Andrade, *No meio do Caminho*, e a música de Tom Jobim, *Águas de Março*. A poesia de Drummond é marcada pela repetição

No meio do caminho\no meio do caminho tinha uma pedra\ntinha uma pedra no meio do caminho\ntinha uma pedra\no meio do caminho tinha uma pedra\nnunca me esquecerei desse acontecimento\na vida de minhas retinas tão fatigadas. (1992, p 15)

Já na canção de Tom Jobim, observamos a cadência e o nível lexical: os verbos indicam as ocorrências das circunstâncias, os substantivos indicam a existência dos obstáculos e os advérbios indicam modos de ocorrência.

“É pau, é pedra, é o fim do caminho\É um resto de toco, é um pouco sozinho\É um caco de vidro, é a vida, é sol\É a noite, é a morte, é o laço, é o anzol [...]”. (<http://letras.mus.br>)

A apresentação das personagens com seus prenomes, como Dante (Alighieri), Carlos (Drummond de Andrade), Tom (Jobim), Cris (Cristóvão Colombo), Marco (Polo) e Alberto (Santos Dumont), e os cenários permitem caracterizá-los e, assim, identificar a personalidade de cada um no mundo cultural em que viveram.

O texto apresenta-se com riqueza e trechos intertextuais, permitindo ao leitor fazer relações e atribuir sentido por meio de possíveis leituras futuras com

orientação de um educador ou com autonomia, pois a linguagem é acessível e de fácil interpretação.

O livro apresenta um foco literário contemporâneo, diferente do utilizado nos anos 60 e 70, da chamada utilitarismo. O texto engloba elementos da poesia e da prosa, e vê-se a omissão da arte pedagogizante e a inserção do conhecimento\visão de mundo que ocupa as lacunas resultantes da apresentação de novos conceitos estéticos e artísticos.

Nesta obra, as ilustrações cooperam para denotar as referências que são utilizadas, ou seja, Elizabeth Teixeira aprofunda ainda mais a competência do visual até chegar à significação das características das personagens.

Outro aspecto importante sobre o tipo de literatura exibido por Ana Maria Machado é a ajuda da compreensão de valores e da importância da criança. Conforme Bettelheim *apud* Aguiar (2001, p. 18), “a obra infantil é aquela que enquanto diverte a criança, oferece esclarecimentos sobre ela mesma, favorecendo o desenvolvimento da sua personalidade”. Dessa maneira, *Abrindo Caminhos* apresenta-se em vários níveis diferentes de conhecimentos, enriquecendo a existência, o *status* da criança.

Ainda podemos acrescentar que a leitura da obra dá a oportunidade à criança, simbolicamente, de ver os conflitos que ela poderá enfrentar no dia a dia e encontrar soluções para os problemas. Como pode ser observado na narrativa

Pedra que faz fortaleza faz também mercado, bazar.
 - Se eu conversar contigo, disso estou muito certo, consigo me aproximar...
 Com muito encontro e negócio, inimigo vira amigo, quem está longe fica perto.
 A caravana de Marco se encarregou de provar.
 Pau, toco, tábuas, madeira...
 - Faz navio de navegar!
 Mastro firme, branca vela, tronco agora é caravela para distância encurtar.
 Com coragem, sobre as ondas, Cris atravessou o mar.(2004, p. 24-27)

A obra adota também uma distância curta e simples, com o propósito de conectar a leitura com o patrimônio artístico e cultural da humanidade, e a veracidade dos fatos literários brasileiros, colaborando para uma existência do gênero intertextual, contribuindo, conforme Ítalo Calvino (2007, p. 10), “dizem-se clássicos aqueles livros que constituem uma riqueza para quem os tenha lido e amado, mas constituem uma riqueza não menor para quem se reserva a sorte de lê-los pela primeira vez nas melhores condições para apreciá-los.” A intertextualidade

de *Abrindo Caminhos* é uma possibilidade de abertura a novas experiências com escalas de valores irrefutáveis.

Após Lobato, a literatura infanto-juvenil começou a viver e a valorizar a verdade e a liberdade moral, pertinente aos valores da vida infantil. As perspectivas ideológicas transformaram a obra de Ana Maria Machado em uma reprodução da verdade baseada na estética artística como se observa na obra *Abrindo Caminhos* (2004, p. 29), “No meio do caminho de Marco teve um mapa bem melhor. No meio do caminho de Cris teve um mundo bem maior. e com o voo de Alberto, esse mundo ficou melhor.”.

Assim como Ana Maria Machado, a escritora Fernanda Lopes de Almeida é uma representante dessa nova onda estética, desfigurando a literatura pedagogizante dos anos 60 e 70, contos tradicionais que foram adaptados ou traduzidos como forma de ensinamentos que circulavam entre os burgueses da Europa.

Dessa maneira, os conteúdos clássicos já mostram uma estrutura (pedagógica) ultrapassada e o texto de Ana Maria Machado é uma ruptura com essa literatura utilitária, moralizante e repressora, que neutralizava a imaginação e a liberdade de construção dos ideais sociais vividos pela criança.

Assim como Fernanda Lopes de Almeida, Ruth Rocha e Ana Maria Machado redimensionam a missão do componente mágico na construção da arte estética por meio de uma linguagem clara e objetiva, a fim de oferecer à criança condições de recepção inerentes e peculiares para captar sua atenção e diverti-la.

Assim como Lobato em suas obras, Ana Maria Machado, em *Abrindo Caminhos*, deixa os moldes tradicionais e aposta nos planos da retórica e da ideologia. Em Ana Maria Machado é mais visível, pois as ideias apresentadas oferecem ao leitor a possibilidade de posicionar-se diante dos fatos e das dificuldades impostas pela vida.

Diante disso, é possível examinar, neste exemplar, que *Abrindo Caminhos* não é uma obra de cunho pedagogizante, e sim com estrutura estética, que atende às expectativas da criança e que apresenta outros moldes artísticos, que se confrontam com os do século XVIII. Por isso, é uma obra transformadora e com múltiplas conexões, necessárias para o leitor construir seu próprio texto, atribuindo sentido quando lê.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo mostrar a evolução da literatura infanto-juvenil, sob o ponto de vista estético e não mais pedagogizante, como no século XVIII, momento em que o *status* da criança e do jovem passava por diversas transformações no âmbito da formação intelectual, social e ideológica.

Com a ascensão da burguesia no século XVIII, as relações sociais foram alteradas devido à grande procura de mão de obra para trabalhos nas indústrias. A família constituía-se em apenas formar e educar seus filhos no âmbito da formação social.

O modelo de literatura vigente nos séculos anteriores sugeria obras com características pedagogizantes e marcadas pela severa educação imposta pela política econômica vigente daquela época. Todavia, a família e a escola dobraram-se à inserção de livros pedagógicos massacrantes, no que diz respeito à liberdade e à formação ideológica da criança e do jovem.

Dessa maneira, uma preocupação tomou conta da sociedade e a família começou a observar e a dar importância à criança, não a tratando mais como um “miniadulto”, e sim com sentimentos e, principalmente, preocupando-se com a faixa etária da criança.

Nesse sentido, são produzidas literaturas com discursos utilitários. Essas obras viriam atender às necessidades da classe burguesa, que estava em plena ascensão econômica e política.

Esse modelo discursivo foi também elaborado por Lobato na década de 20, mas mesmo escrevendo livros de cunho didático, ele renovou, criando uma literatura estética. Esse discurso teve o objetivo de assumir o compromisso com a arte, ou seja, o autor harmoniza-se, por meio da linguagem, com a imaginação da criança e, assim, textos foram construídos, respeitando essa premissa: arquitetar leitores capazes de modificar uma realidade dada e com objetivos de conquistar uma nova realidade.

Dessa forma, *Abrindo Caminhos* fornece ao leitor essa possibilidade de uma busca incessante por conquistar novos saberes de forma lúdica e concisa. As personagens apresentadas demonstram autonomia e mostram que é possível vencer os obstáculos impostos pela vida. De forma brilhante, Ana Maria Machado retoma

clássicos literários e da literatura brasileira, livre dos valores dogmatizantes. As ações das personagens e as situações vivenciadas ampliaram o mundo, romperam tradições e provaram que a evolução é sempre contínua.

Ana Maria Machado (2002, p. 23), afirma “que a infância é uma fase extremamente lúdica da vida e que, nesse momento da existência humana, a gente faz a festa é com uma boa história bem contada”. Diante disso, o leitor vai adquirir gosto e curiosidade pela leitura dos clássicos, e assim conhecer no tempo correto as narrativas, pois já atingiu a maturidade intelectual e adequada para realizar novas leituras.

Abrindo Caminhos é uma obra isenta de preocupações pedagógicas. As histórias implícitas a cada verso é uma verdadeira poesia, como na passagem: “Não há distância para os pássaros nem para quem cisma de ousar\Alberto pôs na cabeça que ia conseguir voar.\E desde então a lonjura não atrapalhou mais, não” (MACHADO, 2004, p 29).

O trabalho foi desenvolvido com objetivo de apresentar a literatura infantil e juvenil na concepção da ampliação do conhecimento científico, na busca de novos valores, ideias e criatividade, que se revelam na imaginação do autor por meio da estética artística.

Portanto, conforme Ana Maria Machado,

Porta, ponte, túnel, estrada,
Mapa, voo, navegação,
Quem disse que o fim da picada
Não se abre para a imensidão
Beco que vira avenida,
Muro que cai par o irmão
Esperança renascida
Escancarando a prisão.
É promessa de vida no seu coração (MACHADO, 2004, p. 34-39).

Portanto, é nesse universo lúdico que não existe barreiras para planejar e viver experiências reais e experimentar o que “o prazer da decifração, de exploração daquilo que é tão novo que parece difícil e, por isso mesmo oferece obstáculos e atraindo com intensidade” (MACHADO, 2002, P. 21). Pois, o leitor vai se apaixonando numa irresistível e fascinante descoberta de personagens que venceram as dificuldades impostas pelo mundo. Tais soluções só foram possíveis, pois *Abrindo Caminhos* é um verdadeiro convite para viver o fantástico, criado pela imaginação e permitido pela literatura estética.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vera Teixeira de (Coord.). **Era uma vez...na escola**: formando educadores para formar leitores. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2001.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Poesia e prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguillar, 1992.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora JC, 1978.

CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil**: teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2000.

LAJOLO, Mariza; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira** - histórias e histórias. São Paulo: Ática, 2003.

Letras.mus.br. Disponível em: <<http://letras.mus.br/tom-jobim/49022/>> Acesso em: 28 março de 2013.

MACHADO, Ana Maria. **Abrindo caminhos**. São Paulo: Ática, 2010.

_____. **Como e porque ler os clássicos Universais desde cedo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

MAGALHÃES, Ligia Cadermatori; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil**: autoritarismo e emancipação. São Paulo: Ática, 1982.

MONTAIGNE. **Les Essais de. Paris, PUF**, 1978.

PERROTTI, Edmir. **O texto sedutor na literatura infantil**. São Paulo: Ícone, 1986.

SERRA, Elizabeth D'Angelo. **30 anos de literatura para crianças e jovens**: algumas leituras. São Paulo: Mercado das Letras, 1998.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 10. ed. São Paulo: Global, 1998.

_____. **Como e por que ler a literatura infantil brasileira.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.